Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

EUA acusados de bloquear discussão

Pela primeira vez, o mecanismo de perdas e danos, que indeniza países já profundamente impactados pelas mudanças climáticas, entra na agenda oficial da COP. Washington concorda em debater o tema, mas é contra a criação de um fundo de financiamento

» PALOMA OLIVETO

Anfitrião da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP27), o Egito emitiu 2,09t de gases de efeito estufa per capita em 2020, ou 0,6% do total global daquele ano. Já os Estados Unidos foram responsáveis por sete vezes isso: 14.24t per capita, ou 15%. Os efeitos do aquecimento global, porém, afetam com mais força o país africano, extremamente vulnerável a escassez de água, seca e aumento do nível do mar.

Nações que pouco contribuíram para a crise climática, como a egípcia e as localizadas ao sul do Equador, pedem compensações para se adaptar a um planeta que ferve cada vez mais. Porém, o governo norte-americano novamente impõe restrições à chamada política de perdas e danos, que entrou oficialmente na agenda da COP27 no primeiro dia da conferência. Sob críticas de governos e da sociedade civil, o enviado especial para o clima, John Kerry, diz que os Estados Unidos aceitam essa forma de indenização. Porém, só daqui a dois anos, um prazo considerado absurdo pelos países mais afetados, pois as emissões crescentes estão intensificando os extremos climáticos.

Durante 26 conferências, os Estados Unidos se recusaram a negociar o tema perdas e danos, defendido pelo G77 mais China que, em termos numéricos, é o maior bloco da COP. Em junho, na pré-conferência climática, em Bonn (Alemanha), o país aceitou reconhecer, no documento final, a necessidade de uma política que tente minimizar os impactos negativos do aquecimento global nas nações vulneráveis. Porém, deixou claro que não há necessidade de novas fontes de recursos. Em vez disso, defendeu um aporte maior ao Fundo Verde, criado pelo Acordo de Paris e a busca por mais financiadores.

"Os Estados Unidos não forneceram o valor total prometido inicialmente ao Fundo Verde, muito menos o financiamento anual adicional que os governos reconheceram que seriam necessários", critica Rachel Rose Jackson, diretora de pesquisa climática da US Climate Action Network, o braço norte-americano da rede global. Jackson, que participou ontem de uma coletiva de imprensa na COP27, denuncia o que seria uma manobra do país, na conferência do ano passado, na Escócia. Lá, foi decidida a criação do Diálogo de Glasgow, para desenvolver a agenda de perdas e danos. Para a surpresa de muitos, os Estados Unidos foram escolhidos cofacilitadores da iniciativa, ao lado de Singapura.

A postura norte-americana vem na contramão do discurso do secretário-geral da ONU, Antonio Guterres que, na segunda-feira, insistiu na necessidade de financiar países que já enfrentam tragédias climáticas, como o líder atual do G77, o Paquistão, vítima de inundações recordes em 2022. Harjeet Singh, consultor sênior e especialista em perdas e Climate Action Network, que também esteve na coletiva, afirmou que os Estados Unidos estão sempre "bloqueando cada discussão sobre financiamento de perdas e danos, torcendo o braço e ameaçando as nações em desenvolvimento".

» O alto preço da guerra

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, falou na COP27, em uma mensagem de vídeo. Segundo o líder, a invasão da Rússia provocou o caos no abastecimento global de energia, nos preços dos alimentos e nas florestas ucranianas. "Não pode haver política climática eficaz sem paz", disse. Zelensky também afirmou que "políticos e empresários não estão levando a agenda climática a sério. Para muitos, a agenda climática é retórica ou marketing".

Fida HUSSAIN / AFP



Em agosto, o Paquistão, atual líder do G77 mais China, foi atingido por inundações sem precedentes, que deixaram mais de mil mortos: nações vulneráveis querem ser compensadas

AFP



John Kerry: prazo de dois anos para discutir a agenda do mecanismo, proposta na COP26

Emergentes

Enquanto os Estados Unidos recusam a criação de um novo fundo, um relatório divulgado ontem pela presidência da COP27 aponta que, exceto a China, os países em desenvolvimento e os emergentes (como o Brasil) precisarão de mais de US$ 2 trilhões por ano para financiar o combate às mudanças climáticas, sendo que quase metade desse valor deve vir de investimentos externos.

Os economistas Vera Songwe, Nicholas Stern e Amar Bhattacharya, autores do relatório, sugerem propostas como refundar bancos multilaterais de desenvolvimento ou aumentar empréstimos com taxas de juros reduzidas, ou mesmo zero. "Os investimentos nos mercados emergentes e países em desenvolvimento — excluindo a China — devem servir para "reduzir as emissões, reforçar a resiliência, enfrentar as perdas e danos provocadas pela mudança climática e restaurar a terra e a natureza", afirma o relatório.

Petro e Maduro defendem aliança amazônica

JOAQUIN SARMIENTO



"Estamos determinados a revitalizar a selva amazônica", disse o presidente colombiano

Os presidentes da Colômbia e Venezuela, Gustavo Petro e Nicolás Maduro, respectivamente, lançaram um apelo na COP27 para que se estabeleça uma ambiciosa aliança para a proteção da Amazônia. "Estamos determinados a revitalizar a selva amazônica" para dar uma importante vitória à humanidade na luta contra a mudança climática", declarou Petro no balneário egípcio de Sharm el Sheikh, onde acontece a cúpula anual do clima, durante um ato que também contou com a presença do presidente do Suriname, Chan Santokhi. "Se nós, sul-americanos, temos alguma responsabilidade, é parar a destruição da Amazônia e iniciar um processo de recuperação coordenado, eficiente, consciente", afirmou Maduro.

Os dois líderes celebraram a volta ao poder de Luiz Inácio Lula da Silva, que deve participar da COP27, e Petro destacou que a entrada do gigante sul-americano na aliança "é absolutamente estratégica". O colombiano, promotor da iniciativa, também convocou o envolvimento dos Estados Unidos, um dos maiores poluentes mundiais, ao lado da China. A respeito de financiamento, ele sugeriu um novo fundo que deverá contar com orçamento fixo e também com aporte das empresas privadas e de nações mundiais.

Conservação

O líder colombiano lembrou o anúncio feito na véspera de que seu país mobilizará US$ 200 milhões por ano durante duas décadas para a conservação da Amazônia. E lançou um apelo à solidariedade dos organismos multilaterais, falando de uma COP27 que tem na agenda o estudo de mecanismos para mitigar as perdas e os danos causados pela mudança climática nos países em desenvolvimento.

Um dos temas de consenso que podem nos unificar com a África, com parte da Ásia, é a troca da dívida pela ação climática", onde o Fundo Monetário Internacional (FMI) "tem um papel a desempenhar", com os grandes países desenvolvidos do mundo.

Maduro e Petro foram os únicos líderes latino-americanos presentes nesta edição da COP27, de caráter marcadamente africano. A iniciativa ainda precisa ser oficialmente apresentada a outros presidentes, em uma reunião que o líder colombiano quer marcar para o início de 2023. Segundo a organização Amazon Conservation, que monitora o desmatamento da região, em torno de 13% da biomassa original amazônica desapareceu.

POLINIZAÇÃO

Abelha evita flor pulverizada

Produtos químicos usados na agricultura, como fertilizantes e pesticidas, podem mudar a maneira como a abelha vê as flores, reduzindo o número de polinizadores que as visitam. Essa é a conclusão de um estudo da Universidade de Bristol, no Reino Unido, publicado na revista *Pnas Nexus*.

As flores produzem uma gama diversificada de pistas e atrativos para insetos que promovem a alimentação e a polinização. As abelhas usam cor, sol e campos magnéticos para navegar na paisagem. Em uma escala menor, utilizam atrativos como odor e cor das plantas, além de taxas de umidade e campos elétricos. Ao mesmo tempo, o uso generalizado de produtos químicos na agricultura e horticultura é uma fonte substancial de poluição e tem sido associado a reduções no tamanho e diversidade da população dos polinizadores.

Embora os pesquisadores saibam há tempos que muitos desses produtos são tóxicos, eles conhecem pouco sobre como as substâncias afetam a interação imediata entre plantas e polinizadores. Os pesquisadores de Bristol testaram o efeito de sprays de fertilizantes em várias espécies florais usadas pelas abelhas. Eles observaram que o produto químico não afetava a visão e o olfato, mas que havia uma resposta no campo elétrico ao redor da flor.

Para ter uma ideia melhor do que mudou na flor, os pesquisadores mediram uma propriedade elétrica da planta, o potencial bioelétrico no caule. Trata-se de uma fonte importante do campo elétrico ao redor das vegetais.

Efeito duradouro

Os cientistas observaram que sprays com produtos químicos alteram esse potencial bioelétrico por até 25 minutos. A mudança é substancialmente mais longa do que as flutuações naturais, como as causadas pelo vento, e se alinha com os declínios observados (cerca de 20 minutos) nos esforços de alimentação das abelhas observados na natureza. O efeito, segundo os pesquisadores, pode persistir por muito tempo após a pulverização.

Para testar se as mudanças observadas na assinatura elétrica da planta são de fato percebidas pelas abelhas, os pesquisadores imitaram as alterações causadas pelos fertilizantes. Enquanto os zangões se aproximavam das flores, eles observaram que as abelhas estavam menos dispostas a pousar em um espécime que foi manipulado. Isso indica a capacidade de detectar e discriminar as pequenas e dinâmicas do campo elétrico provocadas por pesticidas.

"O fato de os fertilizantes afetarem o comportamento das abelhas, alterando a maneira como elas experimentam seu ambiente físico, dá uma nova perspectiva sobre como os humanos perturbam o ambiente natural", disse Ellard Hunting, principal autor do artigo. "Imagine-se não sendo capaz de distinguir maçãs de tomates porque alguém pulverizou alguns produtos químicos no departamento de vegetais. Isso pode ser relevante para todos os organismos que usam os campos elétricos, que estão praticamente em todos os lugares do ambiente."

YURI KADOBNOV



Alteração no campo magnético provocada pelos químicos atrapalha o reconhecimento da planta